

O parceiro

A locomotiva soltou um ronco surdo: o comboio chegara a Semmering. As carruagens negras descansaram breves minutos, imersas na luz prateada das montanhas, cuspiram alguns passageiros em roupas garridas e engoliram outros tantos mais, um alarido de vozes exasperadas vindas de todos os lados perdeu-se no ar, até que a máquina roufenha, lá à frente, voltou a roncar, arrastando atrás de si os vagões que, ao som matraqueado da corrente negra, iniciaram a descida do túnel. E eis que, de novo, se voltou a abrir a paisagem, límpida e cristalina, de contornos claros, varridos pelo vento e pela chuva.

Um dos passageiros recém-apeados, um jovem de aspeto simpático, não só pela elegância das roupas como também pela elasticidade natural do andar, adiantou-se aos demais e tomou o primeiro fiacre com destino ao hotel. Sem pressa, os cavalos trotaram pela encosta acima. Sentia-se a primavera no ar. No céu flutuavam, inquietas, as nuvens brancas típicas de maio ou junho, aquelas nuvens que, quais jovens e volúveis comparsas ainda, se entretêm com corridas ao longo da pista azul, escondendo-se de repente atrás das altas montanhas para depois se abraçarem e escapulirem, ora se amarrotando como lenços de algibeira, ora se rasgando em tiras fininhas, terminando depois a sua brincadeira à laia de barretes brancos enfiados nas montanhas. Inquietude era o que reinava também lá em cima, já que o vento, implacável, sacudia as árvores despidas e ainda húmidas da chuva com tanta cruel-

dade que as suas articulações rangiam baixinho, ao mesmo tempo que milhares de gotas eram disparadas, como faíscas, em todas as direções. De vez em quando era também a neve que parecia desprender um perfume fresco, vindo das montanhas. Nessas alturas, quando se inspirava, sentia-se algo doce e acre ao mesmo tempo no ar. Tudo no ar e na terra era movimento, efervescência, inquietação. Resfolegando baixinho, os guizos anunciando-os à distância, os cavalos trotavam agora colina abaixo.

Chegado ao hotel, a primeira coisa que o jovem fez foi passar os olhos rapidamente pela lista dos hóspedes ali alojados — gesto que resultou em instantânea desilusão.

— Afinal de contas, que vim eu fazer para aqui — começou ele a interrogar-se, inquieto. — Sozinho aqui em cima, na montanha, sem companhia, é pior do que estar no escritório. Pelos vistos, ou cheguei cedo ou tarde demais. Nunca tenho sorte com as férias. Nem um único nome conhecido entre toda esta gente. Se, ao menos, pudesse contar com uma ou outra mulher para um pequeno namorisco, só para ajudar a passar o tempo, só para que a semana tivesse algum brilho...

O jovem, um barão pertencente à não muito ilustre nobreza do funcionalismo público austríaco, empregado do governo, tirara férias sem qualquer necessidade, na realidade, somente porque todos os colegas haviam conseguido uma semana de dispensa durante a primavera e ele não queria propriamente oferecer a sua ao ministério. Ainda que não privado por completo de vida interior, o jovem possuía uma natureza verdadeiramente sociável, característica que o tornava popular e apreciado em todos os círculos sociais. Ele próprio tinha total consciência da sua incapacidade para uma vida solitária. Não possuía a mínima apetência para a introspeção e evitava, ao máximo, os momentos de reflexão sobre a sua própria pessoa, já que não nutria o menor desejo de conhecer melhor os meandros da sua alma. Sabia que necessitava da fricção com os outros para que todos os talentos, o calor e o entusiasmo que viviam no seu coração se pudessem inflamar, já que, sozinho, não passava de um fósforo guardado dentro da sua caixa, gélido e sem qualquer utilidade.

Contrariado, percorreu o vestíbulo vazio de trás para diante. Ora folheava, indeciso, um ou outro jornal, ora se dirigia à sala de música e dedilhava uma valsa, embora os dedos não conseguissem acertar verdadeiramente com o ritmo desejado. Por fim, caiu sobre uma cadeira e, entediado, pôs-se a olhar pela janela. A noite caía lentamente e a neblina, que lembrava o vapor cor de cinza, libertava-se dos abetos. Ocioso, inquieto, esmiolou desta forma uma hora. A seguir, refugiou-se na sala de jantar.

Bastou-lhe um breve olhar, ainda que de relance, para perceber que não havia mais do que meia dúzia de mesas ocupadas. Que desgraça! Ninguém conhecido — bem, ali estava um treinador (a quem, indiferente, retribuiu a saudação) e, mais adiante, um rosto que lhe era familiar da Ringstraße. E era tudo. Nem uma única mulher, nada que indiciasse uma aventura, ainda que fugaz. O desalento tornou-se insuportável. O barão era um daqueles jovens cujo belo semblante fizera valer não raras conquistas, sempre a postos para um novo encontro e uma nova experiência, um daqueles jovens que morrem de ansiedade por se precipitarem no desconhecido de uma aventura, nunca se deixando surpreender porque, estando permanentemente de alerta, já procederam aos seus cálculos por antecipação, nunca perdendo um estímulo erótico porque, quando olham para uma mulher, examinando-a de alto a baixo, é já para lhe captarem a sensualidade, sem fazerem distinção entre a esposa do amigo e a criada que lhes abre a porta da casa da patroa. Quando, com algum desdém e displicência, chamamos a estes homens “caçadores de mulheres”, não nos damos conta da verdade e da capacidade de observação que se encontram plasmadas nessa expressão, pois todos os instintos e toda a paixão da caça — o farejar e o seguir o rasto, a excitação e a crueldade interior — flamejam, de facto, no estado de vigília infatigável de tais pessoas. Estão permanentemente à espreita, sempre prontos e decididos a seguir a pista de uma qualquer aventura, dispostos a ir até ao limiar do mais fundo dos precipícios. Estão permanentemente inflamados de paixão, ainda que não a do amante, mas a do jogador perigoso que procede a cálculos com frieza. Entre este tipo de homens encontram-se os que são conhecidos pela sua per-

severança, já que, graças a tal expectativa, a vida inteira se transforma em eterna aventura, muito além dos verdes anos da juventude. Cada dia se fragmenta em mil e uma ínfimas experiências amorosas — um olhar de passagem, um sorriso furtivo, o roçar de joelhos quando, por mero acaso, se sentam diante de uma mulher — e cada ano se dissolve, por sua vez, em mil e um dias feitos de esperança, pois que a aventura amorosa se transforma em fonte inesgotável, sustento e chama eternos da sua existência.

Parceiros com quem jogar era coisa que ali não havia — não foi difícil ao nosso caçador chegar a tal conclusão. E nada pode irritar mais um jogador do que estar com as cartas na mão, sentado à mesa verde, consciente da sua superioridade e esperando debalde por alguém com quem jogar. O barão pediu um jornal. Carrancudo, passou os olhos pelas linhas, porém, os pensamentos, como que tolhidos ou inebriados, tropeçavam nas palavras.

Foi nesse momento que, atrás de si, ouviu o roçar de um vestido e uma voz que, levemente irritada, dizia em tom afetado:

— *Mais tais-toi donc, Edgar!*

O sussurro de um vestido de seda passou pela sua mesa, uma figura alta e exuberante lançou uma sombra sobre o barão, ao mesmo tempo que, atrás dela, um rapaz pequeno e pálido, de fato de veludo preto, lhe enviava, fugidio, um olhar curioso. Sentaram-se na mesa reservada que havia diante do barão, o menino visivelmente esforçado em manter uma correção que parecia estar em perfeita contradição com a inquietude dos seus olhos negros. A senhora — pois só a ela o barão prestava atenção — tinha um aspeto extremamente cuidado e vestia-se com ostensiva elegância. Demais a mais, pertencia a um tipo de mulheres que ele bastante apreciava, formado por aquelas judias ligeiramente voluptuosas, à beira da idade madura, de manifesto temperamento apaixonado mas suficientemente experientes para saberem ocultá-lo atrás de uma melancolia envolta em elegância. A princípio, não conseguia distinguir ainda os olhos da dama, limitando-se a admirar as belas sobrancelhas arqueadas que serviam de contorno ao nariz delicado, o qual, embora denunciasse a sua raça, conferia, pela sua nobre e pura forma, um ar penetrante e agradável a todo o rosto. A cabe-

leira era, como aliás todos os traços femininos daquele corpo opulento, de uma exuberância mais do que evidente, ao mesmo tempo que a sua beleza, algo altiva até, parecia totalmente confirmada pela segurança e pelo orgulho que a admiração suscitada decerto lhe infundiam. Fez o seu pedido em voz muito baixa, reprimiu o menino que se entretinha a brincar ruidosamente com o garfo, tudo com aparente indiferença perante o olhar furtivo e cauteloso do barão, em quem ela fingia não reparar, quando, na realidade, era precisamente o seu interesse intenso que a obrigava a gestos tão cuidadosos e comedidos.

Depressa se iluminaram as trevas que viviam no rosto do barão, se tonificaram, secretamente descontraídos, os nervos, se distenderam as rugas e se descomprimiram os músculos, de modo que o seu tronco se empertigou e centelhas bruxulearam nos seus olhos. Ele próprio não era muito diferente daquelas mulheres que apenas necessitam da presença de um homem para desabrocharem em todo o seu esplendor. Bastava-lhe um simples estímulo erótico para que toda a sua energia se transformasse em força viva. O caçador que dentro dele vivia farejara ali uma presa. Os olhos do barão buscavam, desafiadores, o olhar da mulher, o qual, aqui e ali, ambíguo e tremeluzente, se cruzava com eles de passagem, sem, contudo, lhes oferecer uma resposta clara e cristalina. Também na sua boca julgava ele perceber, de quando em vez, um contorno ondulado, como se dos seus lábios se fosse desprender um sorriso, mas também isso era incerto. E era essa incerteza que, porém, o excitava. O único sinal que lhe parecia promissor era aquele contínuo afastamento do olhar, prova de resistência e simultâneo constrangimento, e depois aquele cuidado excessivo com que falava com a criança, como se estivesse a representar para um espectador. Uma encenação tão óbvia de tranquilidade denotava, assim estava ele em crer, um primeiro sinal de desassossego. Também ele estava excitado: o jogo começara. Demorou a jantar, manteve o olhar preso naquela mulher durante quase meia hora, sem interrupção, até conhecer de cor cada traço do seu rosto e tocar, de modo invisível, cada ponto do seu corpo opulento. Lá fora abatia-se pesadamente a escuridão, os bosques gemeram, apavorados como crian-